

SETÚBAL

Ando esmagado mas não vendido.

Não tenho nem pretendo adquirir conhecimentos jurídicos capazes de pôr os problemas com a clareza suficiente para que os técnicos os avaliem e possam pôr a técnica ao serviço da vida. A nossa «técnica» é outra.

A verdade que ressalta de inúmeros casos, apaixonadamente vividos por nós, é que a Justiça, para muitas crianças, é simplesmente uma injustiça. Dizemos: — **O sol quando nasce é para todos.**

É evidente que as pessoas nascidas nas cavernas do submundo onde as trevas impõem o seu domínio, devem ser arrancadas ao próprio degredo por aqueles que usufruem da Luz.

Não basta proclamar o axioma nem dizer que ele é perfeito. Não basta propagandear que a Organização Tutelar de Menores está a nível europeu ou que o ultrapassa ou que é perfeita.

A prática é que o afirma ou o nega.

Há quatro anos, vi-me aflito com o caso de uma menina de catorze anos, nascida em «ca-

verna» social, abandonada com dois irmãozinhos numa ama que pretendia, a todo o custo, iniciá-la na prostituição. Obrigava-a a mendigar de porta em porta e impôs-lhe práticas que não posso descrever.

A criança, em clamoroso pânico, apareceu em casa de uma enfermeira, desfeita em pranto e a pedir socorro para ela e para os seus irmãos.

O pai abandonara-a, em pequenina, na Capital. A mãe, pressionada por uma dívida enorme à ama dos seus filhos, desapareceu das ruas de Setúbal e contratou-se com uma boite alentejana, onde foi morta.

— Que fazer?

Pedi a muitas famílias. Bati mesmo à porta de comunidades eucarísticas. Tudo foi silêncio!...

Toda a gente tem medo do risco.

Rezei.

Foi no Altar que me veio esta Luz.

— Senhor do Céu, estes também são Teus filhos. Acode-me. É por Teu amor que vou pedir.

Cont. na 4.ª página

Calvário

N. da R. — Vale a pena citar o cartãozinho do Padre Telmo com o poético odor da serra: «**Aí vai um Calvário, num abraço envolto no aroma das bétulas e marulhar do rio — que também vos ofereço.**»

■ Que alegria radiante nos olhos de um casal, ao ver sua filha deficiente manobrar com perícia um carrinho eléctrico! A vitória da menina saltando em seus olhos claros!

Agora, a nossa reflexão:

Estes carrinhos eléctricos, de rodas e com comando adaptado a cada deficiente, são importados de Inglaterra e custam quatrocentos contos, sendo para andar dentro de casa; e seiscentos contos, os adaptados à rua.

Não há técnicos em Portugal, nem interesse, para o seu conserto.

Não há e não se pensa nisso, caminhos próprios — pistas ao lado das nossas ruas para eles se deslocarem e tomarem os transportes. Claro que, quase inexistentes os transportes com elevador e lugar próprio.

Há tantos deficientes valorizados que estão sustentando uma luta de heróis para poderem viver numa sociedade que não tem contado com eles!

Se para alguns são ainda os «coitadinhos», sinto que a maioria dos portugueses tem para eles um cantinho no seu coração. Porém, na prática, embora nos pese, não temos sido solidários com milhares de irmãos nossos a quem não demos um lugar ao nosso lado e a quem vamos protelando o direito de viverem integrados na sua própria sociedade.

A própria Imprensa, sempre disposta a colocar os crimes e os escândalos nos píncaros da lua, passa ao lado deste problema tão candente e, quem dera, repleto de maravilhas para o coração de todos nós.

■ Mais reflexão:

No Centro de Paralisia Cerebral de Oeiras há um rapaz muito deficiente que comanda o carrinho eléctrico — que lhe foi adaptado — com o queixo ou nariz. Uma técnica especializada debruçou-se sobre ele e deu-lhe o poder de se deslocar e — o mais im-

portante — de se afirmar dentro de si como capaz.

Só possível esta vitória porque uma verba valiosa — mas eventual — foi dada ao Centro para esse fim.

Pena não haver verbas determinadas e fixas... Jogam fora. Não têm campo de relva, nem atraem multidões.

Viva na memória a interpeção duma secretária do Governo Civil duma cidade ao aconselhar-me a pedir uma ajuda para o desporto. «Tem que ser nesta rubrica.»

Não se imagina o número de deficientes, lá nessa cidade, a precisar de um ponto de apoio para se firmarem numa razão de viver!

Algo tem sido feito pelos Serviços Sociais e Instituições várias. Torna-se, porém, urgente que charrua de bico lave e revolve tantas mentalidades, ainda, não acordadas.

Padre Telmo

NOTAS DA QUINZENA

◆ Eram duas senhoras de ar humilde — como tão bem diz o nosso povo. Uma delas, conhecida há muitos anos, de quando tinha o marido doente, os filhos doentes, a casa «doente» e ela também doente. Agora, tudo mudou na sua vida. Já respira saúde. O remédio foi eficaz — deu-se-lhe a mão. A doença que parecia incurável foi vencida. Sim, foi vencida pelo Amor.

Ele há males que a ciência não cura. Lembro-me de um médico que foi visitar o nosso Calvário. Passou por um doente, por outro e não quis ver mais. Ao sair, quebrou o silêncio e disse: — Aqui a ciência já não tem nada para dar. Só o Amor! Foi o que aconteceu

com aquela senhora, de ar humilde, como sempre foi. Aqui, a ciência, de mãos dadas com o Amor, curou. Meditemos! Olha para a tua comunidade.

Veio acompanhar uma vizinha que sofre do mesmo mal. Tem cinco filhos, dos 2 aos 11 anos. O marido trabalha. Meteu mãos à construção de sua casa. Chegou ao telhado, já cansado e quase sem forças para ver o fim.

Quis ser testemunha fiel a que, antes, passara pelos mesmos trabalhos. Que lindo ver os Pobres a construir o Reino de Deus com a força da bondade semeada nos seus corações!

Cont. na 3.ª página



Em plena «sociedade de consumo» — com evoluídas tecnologias no domínio dos brinquedos — é bom ver gaiatos a rolar pneus usados ou a deslizar em «caixotas» pelas rampas...!

PELAS CASAS DO GAIATO

Praia de Mira

Em meados de Julho, o primeiro turno terminou as férias à beira-mar. Como se costuma dizer, regressou à «base». Quem olhasse para as suas carinhas nem os conhecia, bronzeados e satisfeitos.

Em geral, cada grupo goza quinze dias, mas há um ou outro que passa despercebido e beneficia muito mais que o determinado. É o caso do Ricardo: foram vinte dias!

Quando acabam as férias e regressam a nossa Casa, já não vêm tão alegres, pois sabem que os espera o trabalho da quinta.

Já cá está o segundo turno, este ano mais numeroso, pois juntaram-se a nós alguns colegas da Casa do Gaiato do Tojal, porque a casa da Ericeteira, onde eles iam passar férias, não está em condições. Quando chegaram, traziam uma carrada de iogurtes. A malta ficou contente. É raro o consumo de iogurtes e, quando os comemos, é sempre a Casa do Gaiato do Tojal que no-los fornece. A malta recebeu-os muito bem e eles também gostaram.

Todos achámos bem, porque além de passarmos umas férias com gaiatos de outras Casas, é uma maneira de nos conhecermos melhor.

Na praia costumamos fazer jogos de futebol entre as duas Casas e é muito divertido.

Há dias, eu e o Jorge fomos novamente com o Padre Horácio buscar fruta à Lentisqueira. Nem precisamos pedir! Aquela boa gente, mal nos vê, vem logo falar connosco.

«Então, quando é que os meninos lá vão apanhar as laranjas? Tenho lá umas batatas para o sr. Padre levar. Se não vão buscar as couves e as ameixas, estragam-se».

Estas são algumas das expressões das pessoas da terra do Padre Horácio. O nosso muito obrigado.

João Paulito

Paco de Sousa

FÉRIAS — O 2.º turno regressou da praia de Azurara. Constituído pelos mais novos — os «Batatinhas». Gozaram 18 dias de mar, sol e muita brincadeira. Mas o que é bom acaba depressa; e, desta vez, não se fugiu à regra.

Queimadinhos e alegres, voltaram para dar mais vida à nossa Casa, que não é a mesma coisa sem eles.

O 3.º turno já lá está. Esperemos que tudo corra bem, com o melhor tempo possível.

AGRICULTURA — O milho foi semeado, há muito tempo, e apresenta-se em pleno desenvolvimento. Esperemos que dê bom fruto.

As culturas hortícolas são de boa qualidade e produzem em quantidade, não faltando, nas refeições, tudo o que diz respeito a legumes, tomates, pepinos, alfaces, cebolas, cenouras, etc. Um regalo para os olhos, abrindo-nos o apetite!

A fruticultura está um pouco fraca. As ameixas e abrunhos vieram e já

foram, apesar da quantidade ter sido razoável. As pêras e maçãs amadurecem ainda nas árvores; mas por quanto tempo?

Os fruto-maniacos andam a apalpar-las e nota-se, dia a dia, um desfale nas árvores! Já não basta a que resistiu ao temporal ser pouca, para haver mais esta preocupação. É pena!

Pires

Calvário

Depois duma ausência de 30 anos, estou, de novo, nas páginas do nosso jornal, conhecido no mundo inteiro pelo «Famoso». Não como prosaico, mas para dar um pequeno testemunho do que é, realmente, o Calvário. Calvário de nome e sofrimento. Sim, de sofrimento!

Encontram-se nos nossos pavilhões doentes deitados de costas, incapacitados de se virarem para qualquer lado. Sofrem em silêncio! Sempre com um terno olhar para nós que os ajudamos, dentro das nossas possibilidades, naquilo que é preciso. Sempre com um sorriso franco nos lábios, para quem os acarinha. Sofrem em silêncio!

Não lhes posso chamar santos — não sou canonizador — mas Deus já os apontou na Sua agenda divina.

Só um coração feito de mais puro granito, não se abre diante destes inocentes! Porém, aqui deixo a minha dúvida. Não têm o carinho dos

pais, ou de qualquer outro membro de família; não importa. Têm o nosso, talvez ainda mais afectuoso.

Aqui realço o trabalho das senhoras: Adelaide, a nossa regente; e a Teresinha, mais chegada aos pavilhões. São bem apoiadas pelas mulheres que aqui se encontram, e podem e devem fazer alguma coisa. Da parte dos homens, temos o Padre Telmo também igualmente apoiado pelos homens nas mesmas condições.

Há seis pequeninos, que são um encanto. Trata deles o Figueiredo, um angolano que se encontra no nosso meio. Gosta muito de crianças. Muito bem. Jesus, quando na terra feito Homem, disse: «Deixai vir a Mim as criancinhas!»

Temos tido várias visitas. Há dias, uma senhora já na casa dos sessenta, abeirou-se de mim e disse: «Gostei muito de ver os doentinhos. Qualquer dia volto cá».

Respondi: — Venha, minha senhora e traga outro doentinho; será bem recebido.

A resposta não é lógica. É «programada» porque o Padre Telmo, num dos seus últimos artigos disse: «As nossas portas estão abertas para os necessitados».

Portanto, eis a palavra «programada».

Por falar em visitas, sempre que queiram visitar o nosso Paraíso Terrestre, serão bem recebidos.

Agora, num P. S., aproveito para agradecer aos Padres da Obra da Rua, onde fui criado na companhia do Pai Américo, e aos irmãos filhos do mesmo bom Pai adoptivo, o esfor-

ço, a boa-vontade que demonstraram para que eu fosse auxiliado. A todos o meu muito obrigado. Pena é que muitos dos nossos irmãos bem lançados na vida não sigam o rastilho que incendiou a chama da vossa bela e nobre intenção que está a dar o fruto por vós cobiçado! Essa iniciativa saíu da profundidade dos vossos corações. Bem hajam!

E, como é mais linha menos linha, aqui vai o meu apelo: Lembra-te da frase italiana de D. Bosco, que foi um ser cheio de coragem e hoje é santo: *Nienti ti turbi* (não desanimas).

E, pronto, amigos. Não sei se voltarei a escrever. No entanto, digo: até à volta!

Júlio Gomes

TOJAL

ERICETEIRA — Abriu a época balnear. Como sempre, os «Batatinhas» foram no primeiro turno, de 1 a 15 de Julho.

Os mais velhos tiveram grande responsabilidade por via dos mais pequeninos...

A senhora D. Helena esteve connosco durante as férias, dando-nos muito carinho através do seu trabalho e dedicação.

Tivemos muito cuidado porque o «Box», o Ricardo e o Joel eram os mais traquinas, fazendo cada surpresa com a espontaneidade muito própria das crianças.

Na primeira semana houve mau tempo: depois, melhorou. Todos ficaram muito morenos. Alguns queimaram-se, apesar dos bronzeadores.

Tomámos muitos banhos no mar. Os mais pequenos perderam o medo à água e depois é que foi o dobro dos trabalhos!

Na despedida, acendemos uma grande fogueira; e mesa melhorada com sumos, bolinhos, rebuçados e, como não podia faltar, também muita música.

Regressámos ao Tojal um pouco tristes, deixando para trás saudades e recordações das pessoas amigas, do sol e da praia...! À chegada detramos as boas-vindas:

— Querem mais?

— Pois claro que sim!

Mas temos a nossa Casa para cuidar e outros possam também gozar merecidas férias.

Hélio dos Santos Alves Sociro

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Nas regiões em permanente evolução, mais ou menos dormitórios de grandes urbes (é o caso), os vicentinos procuram resolver ou aliviar carências de toda a ordem.

O quadro tende a agravar-se? Talvez, que o desenvolvimento tem custos, até no seio das próprias famílias!

Promovidos — há, pelo deus milhão, que marginalizam irmãos de sangue,

mais pobres. Não é comum, verdade seja, mas topamos desta miséria, também.

Uma mulher solteira, doente, pede que se alinhe uma declaração de herda — como ela afirma — por morte dum progenitor. Motivo: «Pra q'os meus irmãos e sobrinhos não m'exijam os móveis, amanhã...» E continua: «Tenho que pagar parte da despesa do funeral: doze contos. Não posso...!»

É uma mulher sem horizontes. Vive duma magra pensão que o pai deixou.

Pobre mundo!

● Na véspera, atendemos um casal cristão — duma Igreja separada — em férias na região. Almas cheias da Mensagem de Jesus, que nos une. A dor rebenta. Choram o problema moral duma filha, muito querida. E o desabafo culmina num hino à Esperança!

Recordámos, naquele instante, a viagem ecuménica de Pai Américo, em 1952, entre Maputo e Inhambane, conduzidos por um grego...!

Agora, vamos ao social: No dia seguinte liámos, algures, que «em Portugal tem-se vindo a construir menos de metade dos fogos necessários para evitar o agravamento do problema da habitação». Vale a pena citar o resto da notícia: «A crise da habitação desenvolveu-se a partir dos anos 60, com a intensificação do processo de urbanização e o arranque industrial. Segundo as normas internacionais, um país deverá construir, no mínimo, oito fogos por ano e por cada mil habitantes. Isto exigiria, em Portugal (10 milhões de habitantes), a construção de 80 mil fogos por ano. Estamos muito longe, pois o total de fogos ronda a média de 37/40 mil...»

Na acção em que estamos inseridos — especialmente num meio onde o problema tem sido amenizado pela Autoconstrução — surgem casos onde temos de botar a mão para aliviar, ou pagar integralmente, rendas de casas. Como, recentemente, a um pai de família, desempregado, que não podia, sozinho, solver o compromisso. O vicentino aborda o senhorio e adverte o nosso amigo que supriríamos até quando fosse necessário — por mor dos filhos.

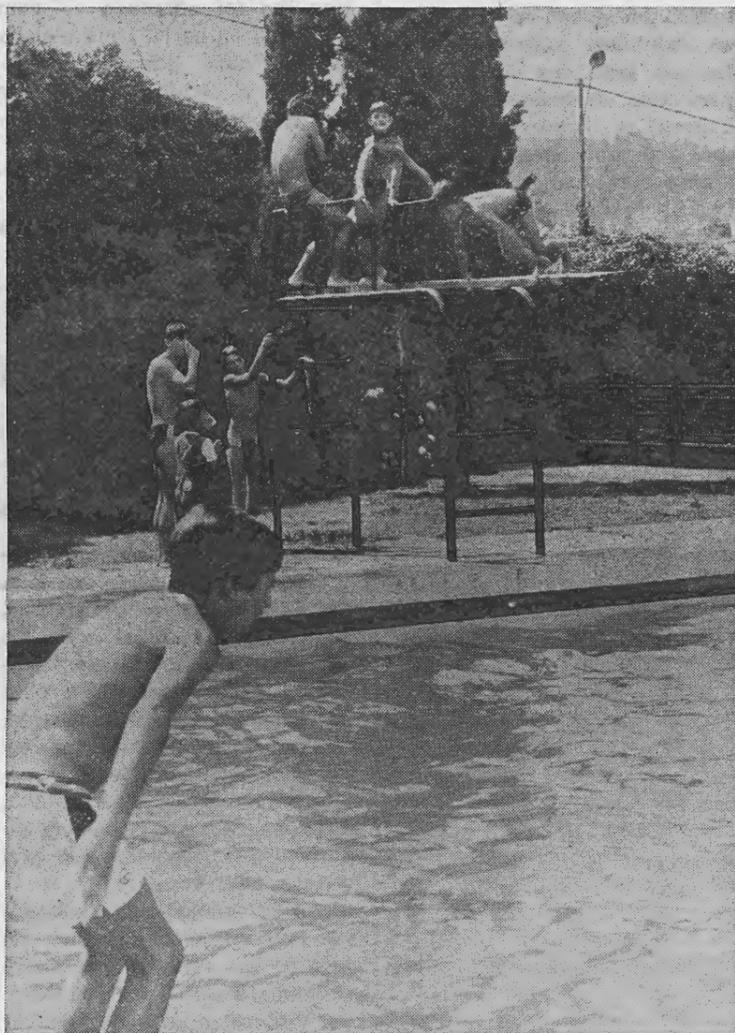
Os meses correm. O desempregado não pára! Monta, por fim, uma pequenina empresa artesanal. Regulariza a situação económica. E, hoje, passa recado que está já em condições de pagar a renda!

Partilhámos da alegria. É mais um, entre muitos, que devem à generosidade dos Leitores a sua promoção social.

PARTILHA — O casal assinante 11902, nem da praia se esquece dos seus Pobres! Graças a Deus.

Alferrarede: «Mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus» — duma assinante d'O GAIATO.

O nosso Padre Luiz, da Casa do Gaiato de Lisboa, manda um cheque de seis contos, soma de óbulos entre-



Nos tempos livres, a bela piscina, de Paço de Sousa, ameniza o calor e é ponto de encontro da comunidade.



AGORA

A gratidão, nem por ser uma virtude natural, nos proporciona um encontro muito frequente. Mas ela diz bastante do carácter de quem a professa, do seu espírito de justiça. E, mais ainda, como no caso que vou referir, quando ela exprime o sentimento das necessidades alheias na hora em que as próprias se acham satisfeitas, hora em que a vulgaridade se regozija do seu bem e esquece tudo mais... os que ainda o não alcançaram.

Ora leiam e partilhem da nossa alegria.

«Em 1981/82 construí uma habitação e dessa Casa me deram 10.000\$ para ajuda da telha que me fizeram muito jeito. Senti muitas dificuldades e tive de contrair um empréstimo de quase mil contos, no Montepio, para a acabar. Agora, graças a Deus, acabei de pagar esta minha dívida e não me sentia bem com a minha consciência se não devolvesse à Obra da Rua aqueles dez contos para ajudar outra família que também sintia dificuldades em construir a sua casinha.

Por isso o cheque de 15.000\$ que junto é para repor aquela importância e o resto para ajudar outra pessoa que também esteja em dificuldades.

Os 'juros' enviá-los-ei numa próxima oportunidade, agora não me é possível.

Que o Criador abençoe os vossos esforços e boa vontade.»

Tudo certo nesta mensagem de um trabalhador cristão. A acção de graças pela meta atingida é dirigida a Deus. A Ele também a prece de que a Sua bênção fecunde a boa vontade e os esforços dos obreiros. Um modo inteligente de consumir a sua gratidão. Como Deus não há-de aceitar este dom e multiplicar a sua eficácia!

gues por Amélia, Fernanda e Maria Angela.

Vila Nova de Gaia: «2.000\$00 para os Pobres (de preferência uma Viúva necessitada)».

Mil e quinhentos escudos do nosso Agostinho, na Alemanha Federal. Três mil, do assinante 9790, pedindo «uma oração ao Senhor por todos os nossos Irmãos, órfãos e viúvas, para que lhes seja feita justiça e possam seguir com dignidade os caminhos da vida».

Por fim, um cheque de Alice, de Coimbra, que lembra — como um regresso às fontes — a acção de Pai Américo, naquele tempo, junto dos mais necessitados.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Agora, passa uma Alice, de há muitos, muitos anos, sem nunca manifestar cansaço. São várias «gotinhas» com os habituais endereços e mais uma gotona de cem mil escudos, «dando infinitas graças a Deus por me ter dado a oportunidade de os enviar». «Gostava que metade fosse para o Calvário e o restante para o que mais necessário for». Pois serão telhas — o restante.

Outra carta:

«Com a importância de dez mil escudos para mais uma prestação na construção do nosso lar. Que ela sirva de alegria para alguém que, também como nós, anseie pela sua casinha. Pedimos ao Pai Américo uma oração de intercessão a Deus pelos nossos problemas familiares e a educação de nossos filhos que tanto queremos saber encaminhar para Ele. Muito agradecidos pela vossa Caridade, esperamos um Raio da vossa alegria espiritual. Os amigos Manuel e Lena.»

Mais alma neste partilhar com outros o mesmo anseio por uma casinha própria, ajudando-os a construí-la enquanto eles mesmos vão construindo a sua, Deus sabe à custa de quantas mais renúncias. Quem assim pensa e age, está, com certeza, à altura de encaminhar os seus filhos para a Meta que desejam.

De Lisboa, uma médica e um arquitecto, presenças habituais desta coluna: ela, duas vezes; ele, uma, com a intenção de sufragar as Almas do Purgatório. Mais, no Montepio da Capital, mil de um José Manuel, vinte vezes mais de uma Maria, três mil de um anónimo, trinta e dois mil de um António e cinco mil para a «Casa dos Licenciados». Há quantos anos a sugestão deste nome foi levantada e este Fernando ainda não desistiu!

Do mealheiro do «Sá da Bandeira», 31.400\$. É referente a Março esta última retirada de que temos notícia.

Vinte mil de um sacerdote, da Guarda, também useiro e vezeiro nesta «procissão».

Outros, da mesma sorte. São os das siglas: MM-AL e M. L., duas vezes. J. P. R. é presença mensal, muito discreta, muito fugidia, à porta do Lar do Porto.

A «Casa da Paz», com mais duas fiadas, fica em setecentos e dez contos. Para a «Casa Seja Louvado N. S. Jesus Cristo» mais uma pedra de vinte. Quem lhes sabe o conto?

Um depósito directo e anónimo de vinte e cinco. Dez, de Virgínia. Metade, das Termas de Monfortinho. O mesmo, de

Moreira da Maia e das Caldas de Vizela, de uma Professora primária reformada. O dobro, de Coimbra, de Maria Celeste; e outrotanto da Maria Vitória, da Cova da Piedade. Quinze, do Porto, de uma Leitora d'O GAIATO. E vinte, de Mação, em resposta a uma notícia sobre duas viúvas dada em «Tribuna de Coimbra».

Um Amigo a quem o Senhor veio, há tempo, buscar a esposa, pensou fixar a sua recordação numa casa que respondesse à necessidade de uma família que a não tem. Em mãos tínhamos o problema do nosso velho «Arouca» que vive penosamente da sua profissão de alfaiate numa loja sem divisões que lhe serve de oficina e o abriga e à mulher e os cinco filhos. O «Arouca» é muito estimado na sua aldeia. Tratam-no por «gaíto» ou por «Padre Américo», títulos de que ele se ufana e nós também. Um familiar da mulher dá-lhe um pedaço de terreno, difícil porque de encosta, mas airoso e suficiente para implantar a casa. Conta com ajudas de mão de obra. E o resto?... O resto tinha-o Deus escondido no desejo deste nosso Amigo a quem fiz a proposta e me respondeu assim:

RETALHOS DE VIDA

«RAMBO»



Nasci em Viseu, em 1974. Tenho 14 anos. O meu apelido é «Rambo».

Era muito maroto, por lá. Não ajudava a minha família e a minha mãe ia para as tabernas, não tinha amor aos filhos. A minha avó é que dava de comer, a mim e aos meus irmãos.

Éramos uns tristes...! E, por isso, a minha tia resolveu pôr-me na Casa do Gaiato.

No ano em que vim, passei pela serra do Marão. Tantas árvores queimadas! Fiquei desgostoso. É uma serra tão bonita!

Paulo Alexandre de Jesus Matos («Rambo»)

«Do coração agradeço a ajuda que me está prestando. Os termos do seu cartão do passado dia 18 correspondem perfeitamente à intenção. Junto segue o primeiro cheque. Em Junho próximo hei-de poder, com a ajuda de Deus, dar novo impulso à obra desejada.

Um favor mais peço: quanto será necessário para completar a construção, mas de modo a não deixar um pai de cinco filhos em completa penúria? Bem haja...»

Com esta carta vieram trezentos contos e em Junho, «com a ajuda de Deus», chegaram cem.

Mas mais importante do que estas quantias, e o mais que porventura vier, está o poder de fermento que elas trazem em si, pela delicadeza com que são ofertadas, no amor universal do Próximo desabrochado de um amor conjugal tão verdadeiro que a morte ainda parece ter-lhe dado mais vida.

Padre Carlos

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª página

Quando esta nota polsar em tuas mãos, já o telhado estará no seu lugar.

◆ Quería muito falar contigo. São dos momentos mais importantes da nossa vida aqueles que são passados em conversa íntima com estes filhos que nos foram confiados.

Desta vez, era um adolescente com um caminho doloroso pelo sacrifício que tem de fazer para ir vencendo os males que o afligem. São verdadeiros heróis estes rapazes, quando se decidem a andar para a frente. Quanta atenção! Quanta delicadeza! Quanta paciência, quando caem e querem levantar-se! Que dom precioso o Pai do Céu reserva para aqueles que chama a esta missão!

O rapaz foi rejeitado pela mãe, em pequenino. Ele conhece a sua história. Que me que-

ria dizer? — A minha mãe vem cá por estes dias. Peço-lhe que não seja rude com ela.

Que filho grande gerado no ventre daquela mãe! Sabe perdoar. Já lhe perdoou. Quem pode medir o amor escondido no coração deste filho?

Vou cumprir escrupulosamente o que me disse. Sim, estes são momentos tão grandes que apagam e curam as feridas e as dores dos anos passados para os criar.

Quem é digno de servir estes garotos?! Obrigado, pela esperança que semeaste na minha vida.

◆ Sei que vives inquieta. Tantas sossegar a tua consciência com alguma migalha da tua vida, quando és toda para te dares aos mais pobres. Agarro-me às tuas palavras: «...Sei que assim posso sossegar a minha consciência... Claro que não! Este último GAIATO mais uma vez me deu um

abanão... Mas é tão difícil dizer que sim. De qualquer forma comecei a dar uma volta à minha vida de crente, aproximando-me da Comunhão. Quem sabe se um dia posso também aproximar-me de vós... Peço desculpa por tudo isto, sem nada fazer; vos que precisais de pessoas que façam alguma coisa». É uma assinante.

Padre Manuel António

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

TRIBUNA DE COIMBRA

● Férias. Estou a escrever na Praia de Mira, juntinho ao mar. O sol despertou cedo e chamou a todos para a beira da água. Os nossos brincam, cada um como mais gosta. Os mais pequenos são os primeiros a correr para o banho.

O Telmo que fez, há dias, três anos, anda contente a chapinhar na água. Os dois irmãos tomam bem conta dele. São muito amigos e, apesar de longe da mãe, muito doente, os três se integraram bem nesta nossa família. Parecem felizes. Deus nos ajude a conduzi-los.

Junto de nós há um mundo de crianças com os pais a brincar com os filhos, horas seguidas. Férias em família que apertam mais os laços familiares.

Há dias, passei por uma das nossas praias chiques. Ouvi as queixas duma senhora que é professora e vive naquela cidade. Tem a seu cuidado a animação de grupos de jovens. Que amargurada estava pelos casos humanos de degradação moral que topa! «Padre: é uma sociedade muito pódre. Se visse a miséria que para aí há!»

Esta miséria é, geralmente, fruto de más férias. Fruto das férias daqueles que só gozam os prazeres sensuais, comida e bebida e jogos. Vidas completamente mundanas. Férias de desgaste de vidas.

Gosto muito de ver os nossos e os outros a brincar à beira-mar, com simplicidade. Boas férias!

● Vibro de muita alegria quando me cruzo com carros de emigrantes. Eles vêm a chegar. Trazem os carros cheios de pessoas e lembranças. Ansiosos por chegar, tudo é velocidade.

Trazem mais um ano de desgaste e, geralmente, de sofri-

mento. São quase todos heróis. Heróis lutadores por uma vida melhor. Vidas de denúncia e, tantas vezes, de solidão.

Sede benvindos e descansai. Passai bem o mês de férias que merecestes. Depois, regressai aos vossos postos de trabalho com confiança. Deus vos acompanhe. Nós temos obrigação de rezar por vós. Ides ganhar o pão para muitos, cá instalados. Não percais a esperança no nosso Deus que é Bom.

● Ontem, no fim da oração da noite, um grupo dos nossos, das oficinas, veio ao escritório falar comigo. Souberam que na vila de Miranda do Corvo haverá aulas nocturnas para o Ciclo Preparatório e alguns anos a seguir. Eles querem matricular-se. Vinham saber a minha opinião.

Que feliz eu fiquei! Alguns continuaram a estudar, mas a adolescência desanimou-os. Agora, estão a despertar. Que bom cada um despertar para caminhos de bem! Caminhei, Rapazes, pelos caminhos que vos podem ajudar a preparar melhor o futuro na sociedade a que pertenceis. A minha missão é ajudar-vos a caminhar.

● Os nossos vinte e seis estudantes, em Coimbra, tiveram bom aproveitamento. Só um não passou de ano escolar, um pouco por falta de capacidade. Foi um ano muito normal, sem grandes solavancos. Parabéns a todos.

Este bom ano é muito fruto da amizade dos Professores da Cooperativa de Ensino onde os nossos estudam. O nosso louvor e a nossa gratidão a tão bons Amigos. É tão consolador encontrarmos corações e portas abertas!

Padre Horácio

«Alguém, de Coimbra, ofereceu um altar de pedra e nós vamos começar a obra dentro de poucos meses. Capela piedosa, proporcionada, erguida ao Céu. Queremos pôr todo o esmero nos paramentos, nos linhos, na cera, no decoro que diz respeito à Casa de Deus, sabendo que nada do que serve ao culto é insignificante.» (Pai Américo)

As palavras acima transcritas constam do 3.º volume do **Pão dos Pobres**, alusivas à campanha de 1941-42. Por elas somos levados a conhecer o «esmero» posto por Pai Américo no que concerne às coisas sagradas. Ninguém, mesmo que incrédulo, pode escandalizar-se com o facto. O seu espírito de serviço e de renúncia, levado ao extremo e nada fácil de atingir, dava-lhe autoridade para assim falar.

Na sequência das expressões reproduzidas, Pai Américo justifica o «esmero» procurado: «Nós acreditamos no Altar, como único centro de toda a educação séria, duradoira e construtiva. É impossível que a Missa, celebrada com fé e presença numa Capela assim, não seja a réplica da palavra de Jesus: — **Deixai vir esses pequeninos até Mim**. Por isso tenho pressa de construir».

As obras da nossa Capela começaram. Até que estejam completas vão demorar o seu tempo. Entretanto, de vários pontos do País e do estrangeiro, começaram a notar-se sinais de interesse e de solidariedade. Os nossos Amigos estão a perceber o apelo aqui formulado, como o têm feito e continuarão a manifestar através dos tempos, em tudo o que diz respeito à vida da Obra da Rua. E, como já escrevemos nestas colunas, tudo se processará sem publicidade de qualquer espécie. Nós somos apenas medianeiros, ainda que indignos, entre Deus e os nossos Amigos.

Pai Américo regalava-se em dar o pão do corpo e de me-

AQUI LISBOA!

lhorar, tanto quanto possível, as condições de vida dos nossos Rapazes, mesmo que eles não o percebessem de uma maneira clara. Muitas vezes temos dado graças a Deus por isso e nunca será demais fazê-lo. Sobretudo, ante o quadro dos mais pequeninos, sem fastios ou inibições, comendo pelas suas próprias mãos, é um deleite inexprimível, que só de espírito apontado para o Alto se pode contemplar.

Dar o pão suficiente e necessário é um imperativo do nosso compromisso sacerdotal, mas não só do pão do e para o corpo. O pão do espírito, que supõe aquele, também tem de ser servido, mesmo que livremente rejeitado. Esta é a nos-

sa missão e a nossa aposta e, por isso, nos entregamos aos Rapazes e aos Homens, ainda que repletos de misérias, como disse Pai Américo.

Temos pressa de construir. O futuro a Deus pertence. Mas mesmo que não vejamos com os olhos terrenos, alimentamos a esperança de partilharmos da alegria, por misericórdia do Alto, de chegarmos ao fim «presentes» com os olhos da alma e de contemplarmos a nossa Capela, na comunhão dos santos, com todos aqueles que a vão tornar uma realidade e os que se encontrarem ainda peregrinando neste vale de lágrimas.

Padre Luiz

Do que nós necessitamos

O período dos passeios escolares traz-nos sempre muitas surpresas, escondidas nos envelopes, ora postas com discreção em nossas mãos. A recoveira da Pasteleira passamos recado que tudo chegou. De acordo, cumpria-se a vontade do Senhor que lhe dá ocasião para manter acesa a chama da solidariedade. Agradecemos o seu abraço. De Ilhavo, 8.000\$, por várias intenções, 15.000\$, para as duas viúvas aqui faladas.

As colunas do O GAIATO são ponto de encontro das pessoas. Entre os vivos e os que já partiram para a Eternidade. Familiar entrega 50.000\$, sufragando a alma dum ente querido. A filha encontra-se com a mãe no aniversário da sua morte.

O GAIATO é ponto de referência neste mundo de incertezas e também de dor. Dum pai que sofre por amor de sua filha, 100.000\$. Esteja tranquilo que os nomes ficam guardados no segredo, querido irmão no Sacerdócio. Assina «Ninguém» e pôs o seu óbulo. Aceitamos a ajuda que nos dá e que Deus nos ajude também «a carregar tão grandioso legado».

Donde lhe vem a coragem para mandar os 5.000\$00? Tudo foi destruído pelo fogo «ficando apenas com a roupa do corpo». Aguardamos a sua visita. Do Carvalho, 6.000\$. Calçado, da sapataria Balsinha. Pomos o n.º da assinatura e os 20.000\$ que nos mandou — 17453.

É verdade o que pensa e diz: a Obra da Rua quer fazer todo o bem aos mais necessitados de bens e de conforto e aos mais necessitados de Fé. Recebemos os 50.000\$. Mãe e filha puseram-se de acordo em mandar uma parcela do primeiro ordenado. É um passo difícil de dar. De Portalegre, 5.000\$ e toda a gratidão de um coração simples e pobre. Como a amizade da Angelina, Raquelina e Alexandrina na perseverança que não desfalece. Mais um envelope para ficar como documento, com estes dizeres: «Casa do Gaiato (meu primeiro vencimento mensal como reformado)». E coloca-o nas minhas mãos com 37.500\$. Bendito seja Deus! Outra vez ainda: «Primeiro dinheiro que recebi» (30.000\$). «Aqui envio esta pequenina quantia. Era para ser entregue depois de eu partir mas, para evitar confusões, resolvi ser já.» É de Baguim e traz o peso de cem mil escudos. Engenheiro muito amigo, multiplica por cinco, num cartão pequenino para não roubar nada ao que dá. Do Largo do Roseiral, nos Carvalhos, chegou carta de família que muito nos estima e a quem muito temos que agradecer também. Acompanhou, de perto, a nossa Casa do Gaiato de Benguela. A amizade permanece por cima do tempo e da distância. Que a paz chegue!

Padre Manuel António

SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

A descida do Altar encontro-me com uma família e peço pelo amor de Deus!

Quando uma família tem dentro de si o amor de Deus e O ama com toda a alma, com todo o entendimento e com todas as forças, não tem medo do risco. Este é mesmo uma prova.

— Se é Deus que no-lo pede não podemos dizer que não. Que dizes? Dirige-se carinhosamente ao marido.

— Se é vontade de Deus, que havemos de fazer?

A menina tinha mãe e pai. Para os rapazes apertámos os lugares à mesa. Exigiram, somente, para evitar intromissões de pseudo-familiares, que

o Tribunal lhes desse a tutela.

Foi o que pedi àquela instância, depois de relatar, verbalmente e por escrito, a tragédia e a jubilosa solução encontrada.

O Tribunal tem os seus trâmites que eu não discuto nem crítico. Era preciso saber o paradeiro do pai. Foi-se lá uma e muitas vezes. A resposta foi sempre idêntica.

— Não se sabe do paradeiro do pai e ele tem de ser ouvido.

A menina atingiu a maioridade legal. O processo foi arquivado. Tudo segundo as normas do Direito.

Durante estes anos, nenhuma instância oficial pagou qualquer abono, descontou para qualquer medicação, consulta ou tratamento. E foram tantos os que precisou!...

Os livros, as matrículas, o material escolar, tudo tem sido pago pelo dinheirinho adiantado por quem assumiu, na Fé, ser mãe e pai.

O casal desconta para a Previdência e paga os seus impostos, sabe Deus com que dificuldade.

— Justiça?

A menina passou para o oitavo ano e com magnífico aproveitamento.

Pelos seus próprios expedientes e com a alegria que esta experiência tem proporcionado, o casal acolheu outra menina quase nas mesmas circunstâncias e na mesma idade.

Iremos pedir ao Tribunal alguma coisa? Para quê?

Que dizem os técnicos?

Padre Acílio



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição, no mês de Julho: 70.418 exemplares.